

# Discursos sociais de amor em relações conjugais nas letras de *rap*.

Universidade Estadual Paulista – UNESP - câmpus de Marília.

GT. 26 – Sociologia do corpo e as emoções

Sandra Mara Pereira dos Santos.

## Resumo:

O movimento cultural e juvenil do *Hip-Hop* desenvolveu-se nos Estados Unidos no início da década de 70. Os jovens das periferias do Brasil apropriaram-se dos elementos básicos dessa cultura artística: *rap* (música), *break* (dança) e grafite (desenho) por volta dos anos 80. Nesta pesquisa selecionei estudar apenas o *rap*. Assim, o tema central deste estudo é sobre a relação social existente entre a pouca quantidade de mulheres no *rap* e as restritas discussões sobre amor conjugal nessa modalidade musical. O tema da pesquisa ainda foi construído em torno dos significados sócio-culturais presentes nos discursos sobre amor heterossexual.

**Palavras Chaves:** Antropologia das Emoções, Amor, Relação de Gênero.

## 1-Introdução:

Existem jovens das periferias do Brasil, que constroem músicas conhecidas como pertencentes ao gênero musical do *rap*. Esse estilo musical pertence ao movimento *Hip-Hop*, que é o nome de uma cultura juvenil. Este movimento engloba basicamente a música (*rap*), a dança (*break*) e o grafite (arte visual). Neste texto analiso os discursos e significados sociais existentes em letras de *rap* sobre amor entre homens e mulheres, sendo assim esse estudo requer reflexões sobre a questão de gênero.

A maioria das músicas de *rap* contém críticas, relatos e denúncias sociais, sobre a escassez econômica e de diversos tipos de preconceitos sociais. Dessa forma, muitas letras dessas canções são baseadas na descrição de sofrimentos, reações e transformações sociais e pessoais, que uma sociedade moderna, urbana e desigual, provoca em pessoas de baixa renda. Para muitos *rappers*<sup>1</sup> esses sujeitos são as principais vítimas dessa desigualdade social.

Os sofrimentos e as reações dos *rappers* e de outros moradores das periferias, perante a violência física e simbólica, é representada por esses compositores em um contexto de guerra urbana. Para esses artistas, diante dessa guerra, deve-se enfrentar e defender-se de suas violências com outras forças semelhantes. Estas energias obtêm-se de sentimentos como, por exemplo, de ódio e de raiva, os quais são manifestados no corpo por meio de vozes grossas, de rostos sérios e postura firme.

Desde que comecei a ouvir *rap* a partir de 1998, noto a maneira como um dos discursos mais desenvolvidos pelos artistas dessas músicas é que eles cantam, prioritariamente, para representar os conflitos e problemas sociais vivenciados pelos moradores das periferias. No entanto, observo o modo como as mulheres das periferias não estão atuando e sendo representadas na mesma proporção numérica que os homens, pelo contrário, comparando com os homens existe um número menor de pessoas do sexo feminino cantando *rap* no Brasil. Além da questão numérica analiso a forma como há nas letras de *rap* diferenças de significados sociais nos discursos de mulheres e homens na relação de gênero. Assim, na medida em que vemos no cenário do *rap* nacional uma heterogeneidade de

---

<sup>1</sup> *Rappers* e MC's são os compositores e cantores da música *rap*, que podem ser homens e mulheres.

significados culturais no modo de representar o feminino e o masculino, analiso como as emoções são usadas para tal finalidade, entre esses sentimentos está o amor conjugal.

Ainda estudo o modo como existem nesse estilo musical homens e mulheres que atribuem um valor social menor para sentimentos como o amor amoroso. E como esta emoção possui relação com os discursos sociais de gênero, nos quais o “feminino na mulher” é frequentemente associado ao amor conjugal, assim pesquiso se a “mulher feminina” que expressa amor conjugal através dos *raps* é vista nesse cenário musical como portadora de um reconhecimento social menor, que pessoas de outro sexo e com maiores representações de masculinidade e de outras emoções.

## 2 - Alguns aspectos do conceito de gênero

Os estudos de gênero são realizados em textos de diversas autoras, os quais começaram a elaborar essa discussão considerando uma relação entre o corpo das pessoas e os aspectos sociais nos quais elas vivem e são formados, e isso na medida em que atribuímos significados culturais a eles.

Segundo Linda Nicholson (2000), no final dos anos 60 a categoria usada para diferenciar o homem da mulher era o “sexo”, ou seja, a biologia do corpo. O feminismo dessa época teve que lidar com esse tipo de concepção e pensar nas distinções sociais entre ambos os sexos. Por isso, essa autora apresenta que o “sexo” esteve e ainda permanece atrelado as discussões e visões sobre o masculino e o feminino. Linda Nicholson (2000) analisou ainda, que em contextos sociais e históricos diversos, as concepções de homem e de mulher, de feminino e de masculino podem ter sentidos diferentes.

Segundo Joan Scott (1992) a partir da década de 60 nos Estados Unidos delimitou-se um campo no qual feministas acadêmicas reivindicam que as mulheres também fossem vistas como sujeitos históricos, e não apenas os homens. A partir da perspectiva política de inserir e provar que as mulheres estão na história, os estudos sobre tais pessoas ampliaram seu campo de reflexão até construir gênero como uma categoria analítica, e isso nos estudos sobre as desigualdades e diferenças entre ambos os sexos.

A partir da década de 70 nos Estados Unidos e finais dos anos 80 no Brasil, as pesquisas sobre as mulheres deixaram de ser estudadas isoladamente e passaram a ser relacionadas com os homens. Dessa forma, a categoria de gênero começou a ser usada para pensar a mulher em relação ao homem. Assim, essas pesquisas introduziram a perspectiva das diferenças sociais entre os homens e as mulheres como distinções relacionais e construídas socialmente. A categoria de gênero foi construída para rejeitar as explicações que atribuíam apenas à biologia dos corpos, as diferenças de papéis sociais desempenhados pelos homens e pelas mulheres. (Kaslsing, 2008; Soihet,1986; Linda Nicholson,2000).

### 2.1- Relação de Gênero no *rap*

Em minhas observações principalmente de vídeos de *rap* na internet e de outros veículos de comunicação como, por exemplo, de revistas e CDs desse estilo musical, notei o modo como a quantidade de mulheres não é maior e nem igual o número de homens nesse cenário musical, mas sim substancialmente menor.

Questionar a proporção numérica de ambos os sexos no *rap* nacional e enxergar que temos no Brasil uma quantidade bem maior de homens que mulheres no *rap* é um dos motivos que me levou a estudar a relação de gênero nesse estilo musical. Assim, meus estudos têm mostrado não apenas uma diferença quantitativa entre ambos os sexos, mas que essa questão numérica está relacionada com uma problemática de desigualdade no campo de gênero e, portanto, a presença da utilização de poder entre homens e mulheres nesse cenário musical no nosso país.

Observo o modo como muitas *MC's* e *rappers* possuem o discurso no qual a mulher não é excluída desse cenário musical. No entanto, baseada em minhas análises argumento que as relações sociais criam vivências entre homens e mulheres baseadas na ideia e práticas de poder. Entretanto, tal poder não ocorre através de uma exclusão explícita, direta e consciente das mulheres pelos homens. E ainda, afirmo que o poder nessa relação de gênero se dá na medida em que existe uma associação de inferioridade atribuída e criada entre mulher, feminilidade e determinadas emoções como, por exemplo, o amor conjugal. Entender uma relação de poder permeada por referências e práticas nas quais a mulher não é excluída diretamente, e há a utilização de estratégias e ações dos agentes desse contexto para reproduzirem ou lidarem com tais relações de poder, está em discussões realizadas por autoras como Sherrey Ortner (2007).

A desigualdade artística e de gênero entre os homens e as mulheres no campo do *rap*, têm relação com o fato de haver pouca compreensão e aceitação de vários mecanismos como, por exemplo, as emoções manifestadas pelas mulheres, e o “modo de ser feminino”, também podem questionar a atual organização e relações sociais pautadas na violência. Entretanto, do mesmo modo que houve mudanças no papel da mulher na sociedade e na relação entre homens e mulheres, isso também ocorre no *rap*. Todavia, essas mudanças de representações sociais de mulher e de homem não ocorrem em todos os contextos sociais dentro do *rap* como é analisado nas letras desse estilo musical.

### 3- Emoções e gênero no *rap*

A maioria das músicas de *rap* contém críticas, relatos e denúncias sociais, sobre a escassez econômica e de diversos tipos de preconceitos sociais. Dessa forma, muitas letras dessas músicas são baseadas na descrição de sofrimentos, que uma sociedade moderna, urbana e desigual, provoca em pessoas de baixa renda.

Os sofrimentos e as reações dos *rappers* e de outros moradores das periferias, perante a violência física e simbólica, é representada por esses compositores em um contexto de guerra urbana. Para esses artistas, diante desse conflito, deve-se enfrentar e defender-se de suas violências, com outras forças semelhantes. Analiso o modo como está presente nos *raps*, a forma como a postura de enfrentamento obtém-se de sentimentos como, por exemplo, de raiva.

Refletimos a forma como essas emoções e requisitos pessoais descritos no parágrafo anterior, compõem no cenário do *rap* um grupo de recursos emocionais para os *rappers* lutarem contra o poder capitalista e seus principais agentes; e para muitas pessoas desse meio artístico tais recursos não estão presentes na arte de diversas mulheres.

Existe uma concepção<sup>2</sup> de mulher no *Hip-Hop* e nas periferias fundamentada na visão na qual a mulher não possui os mesmos interesses sociais e políticos que os *rappers*. Nessa representação de mulher há a ideia que as pessoas do sexo feminino falam muito sobre namoro, amor romântico, beleza estética, roupas, filhos, tarefas domésticas, choram demais e, além disso, não possuem os principais requisitos corporais para cantar um “bom” *rap*, ou seja, a maioria delas possui voz fina, pouca firmeza física, delicadeza no modo de parar, andar, falar etc. Observa-se a maneira como o “modo de ser feminino” e as emoções que as mulheres das periferias mais expressam publicamente, são consideradas ineficientes, assim como elas, para questionar e enfrentar um sistema baseado na violência. Desse modo, as representações femininas são consideradas em determinados discursos como possuidoras de menor valor e fora do campo da política, assim as mulheres também não fariam política. Todavia, analiso que se elas adotam representações masculinas, como vejo que ocorre muitas vezes no *rap*

---

<sup>2</sup> Tal concepção foi vista por mim na pesquisa empírica na cidade de Marília. E neste ponto eu concordo com a autora Patrícia Souza (2006) já citada aqui, assuntos como machismo não é dito para o público geral da sociedade e através de veículos de comunicação, mas pode ser percebido em uma pesquisa de campo ou por quem mora nas periferias.

nacional, essas mulheres aumentam suas chances de serem vistas como pessoas que possuem poder de transformação social.

### 3.1- Emoções: criações sociais nos homens e nas mulheres.

Observamos em muitas sociedades, a forma como as diferenças sociais entre os homens e as mulheres, estão presentes nas ocupações profissionais, nas organizações familiares, e até mesmo no modo como essas pessoas devem vivenciar suas emoções na sociedade.

Entendemos a forma como há uma interação cultural entre as emoções e a formação social dos homens e das mulheres. As diferenças sociais as quais atuam e constroem a relação de gênero, indicam para que os homens e as mulheres sintam e expressem suas emoções nas relações sociais. Desta forma, vemos o modo como essas emoções são vivenciadas e transformadas de modo diferente pelas pessoas dos dois sexos e que possuem atributos masculino ou feminino.

Para Elias (1994), o controle e o condicionamento das emoções são mais eficientes do que a violência física, pois eles moldam e ditam as emoções dos indivíduos nos padrões sociais. Ainda segundo esse autor, apesar de na sociedade moderna ter sido construído as noções de um “eu” individual, de personalidade, de autopercepção individual, do “homem interior” e outros, o controle social não deixou de atuar na formação das emoções dos sujeitos. Para esse autor, o mundo exterior continua moldando as consciências individuais.

Elias (1994) também demonstra em seu livro “O processo civilizador”, a maneira como o controle social dos sentimentos marcou o processo de civilização humana no mundo ocidental. Entretanto, estudo a forma como há um contexto particular e significativas diferenças sociais, no modo como as mulheres e os homens devem controlar e expressar seus sentimentos.

As emoções são expressões dotadas de significados sociais, os quais encontram expressão nos sentimentos das pessoas. Desta maneira, as emoções fazem parte das questões sociais, culturais e políticas, e que também são manifestadas, sentidas e compreendidas via corpo humano.

Para Breton (2009) os corpos dos sujeitos são os mesmos em todas as sociedades, mas as emoções que esses corpos emitem variam de uma sociedade para outra. Tal fato ocorre porque as emoções são construídas em culturas diferentes umas das outras. No entanto, notamos nos escritos desse autor que ele não nega uma dimensão subjetiva e corporal, na qual são produzidas as emoções. De acordo com Breton (2009) existe uma relação entre corpo e cultura, e que ambos produzem as emoções nas pessoas. Estes sentimentos não são naturais e não estão escondidos no íntimo do corpo humano, mas sim formados culturalmente.

Considerando as emoções criadas e possuidoras de significados nas relações sociais, é relevante refletirmos a forma como em nossa sociedade ocidental e moderna, o homem deve controlar mais a expressão de suas emoções que as mulheres. Isso pelo fato de ele ter uma maior obrigação social de ser racional em relação as pessoas do sexo feminino. Assim, a racionalidade compõe um dos atributos do masculino e as emoções do feminino.

Segundo Giddens (1993), a emoção foi sendo concebida como algo do campo do feminino. Esse autor nos mostra como essa sensação foi sendo construída como aquela que prejudica e corrompe as pessoas. Assim, na nossa sociedade a emoção seria uma fraqueza negativa e própria da mulher. No entanto, acrescento que no contexto do *rap* nacional não é qualquer emoção que é concebida como sinônimo de fragilidade, e sim, determinados sentimentos como o amor conjugal.

Entre os *rappers* e entre as *MC's* o masculino é compreendido como uma representação social com requisitos úteis como, por exemplo, virilidade, força, agressividade e outros semelhantes, para confrontar a estrutura social agressiva e as pessoas que estão no poder em nossa sociedade. Sendo assim, se uma mulher ou homem quiserem cantar *rap* eles têm que, em muitos contextos sociais, adotarem alguns desses significados de masculinidade. Essa concepção presente no cenário do *rap* nos

auxilia na compreensão dos motivos pelos quais há um número menor de mulheres/ feminino nesse campo artístico, pois socialmente e historicamente o corpo com aspectos biológicos de mulher recebe ao longo do tempo mais representações de feminilidade.

### 3.2- Do ódio ao amor

Maria Coelho (2006) analisou na obra da antropóloga norte-americana Catherine Lutz, a maneira como a emoção em oposição a razão é entendida como negativa, mas para uma concepção romântica a emoção é compreendida como positiva. Ainda estudando as análises dessa antropóloga americana, Maria Coelho (2006) declara a forma como a emoção, por ser vista como uma expressão espontânea, natural e irracional, é associada às características do que compõem a referência do feminino. Assim, a emoção enquanto atributo do feminino é concebida como uma fraqueza apenas em alguns contextos sociais; entretanto, em outras situações, ela é uma força poderosa na medida em que pode ameaçar o poder no qual está subjugada.

Todavia como narramos neste texto no cenário do *rap* nacional apenas algumas emoções são vistas como capazes de resistir ao poder do sistema social, e não são as que possuem significados de feminilidade. A pouca descrição e reflexão sobre amor entre um homem e uma mulher, e um valor menor atribuído a esse tipo de relação humana esconde uma inferiorização da mulher/feminina e de suas emoções.

Assim, analiso o modo como o amor conjugal é concebido no *rap* como um sentimento da dimensão do feminino, e a pessoa que expressa essa emoção também não possui o mesmo reconhecimento social e artístico da mesma forma que um outro cantor(a), cujas letras manifestem raiva e revolta social. Portanto, uma mulher em sua dimensão amorosa também não obtém considerável legitimidade artística, assim uma “mulher masculina” e/ou que saiba fazer uma nítida separação entre as emoções no contexto do *rap*, recebe esse reconhecimento no *rap* nacional.

Iniciei via *facebook* e emails diálogos com aproximadamente cinco cantores e dez cantoras de *rap* sobre o tema principal deste texto, esses artistas são de várias partes do Brasil e concordaram em se comunicarem comigo através desses canais de comunicação. Além disso, analiso letras desses compositores(as), nas quais encontramos narrações sobre amor conjugal.

Estudo nesses meus diálogos com cantores e cantoras de *rap* realizados via *facebook*, o modo como eles(as) cobram e divulgam dos outros cantores e cantoras e dos moradores das periferias uma relação de amor baseada na transparência, honestidade e sinceridade, esse tipo de amor é conhecido em nossa cultura como um sentimento puro e autêntico, e assim, deve ser mantido pelo casal. Os *rappers* e as *MC's* criticam relação amorosa com a intenção de durar pouco tempo, e isso devido a um objetivo de obtenção de segurança financeira e emocional. Por isso, há muitos *raps* que possuem em suas letras palavras com as quais ofendem homens e mulheres que conscientemente envolvem-se em uma relação amorosa apenas pela segurança financeira e desejo sexual.

Assim, até o momento desta pesquisa vejo no *rap* a existência de uma concepção de amor parecida com a descrita por Claudia Rezende e Maria Claudia Coelho (2012), esse é um amor “Romeu e Julieta”. Nesse tipo de amor as pessoas se concebem como livres das pressões sociais e assim podem escolher quem elas amarão, e são guiadas por um sentimento amoroso puro e irracional. No livro dessas autoras elas descrevem que nem sempre na sociedade ocidental houve essa concepção de amor, pois em outras épocas eram as famílias e o coletivo que realizavam a união conjugal entre um homem e uma mulher. O amor “Romeu e Julieta” é uma emoção moderna, que também encontro nas letras de *rap*. Essas chamam esse modo de pensar o amor nos tempos modernos de cósmico. Nas concepções de amor presentes nas letras de *rap* existe esse modo de amar, o qual também chamarei de cósmico; e isso por vê-lo de modo muito similar ao tipo de amor citado por Claudia B. Rezende e Maria C. Coelho (2010).

No gênero musical do *rap* dinheiro e amor não se misturam, amor não pode torna-se mercadoria em um mundo já dominado pelo dinheiro, nesse sentido o *rap* apresenta um contra modelo de relações sociais. Tal discurso sobre amor conjugal foi selecionado nessa pesquisa como uma visão muito presente no *rap*.

Nesse meu estudo o discurso da Silvana<sup>3</sup> me chamou a atenção pelo fato de revelar práticas de relacionamentos amorosos os quais não estão dentro do amor puro e cósmico. Assim, essa *MC* declarou:

“(..) Não adianta fazer música de amor, se trai a esposa,  
Se quando desce do palco dá em cima de Deus e o mundo (...)”

Compreende-se que as formas de amor descritas em letras de *rap* podem não serem as praticadas em todos os contextos sociais. É isso que Silvana demonstra nessas duas linhas aqui citadas e declaradas por ela para mim em um diálogo via *facebook*. Silvana na posição de mulher está inserida no cenário do *rap* e participa de uma dinâmica cotidiana e de um contexto fora das letras divulgadas para o grande público. É com seu olhar de mulher que ela revela o modo como os homens podem ter mais relações efêmeras que as mulheres. Ao mesmo tempo ela cobra uma coerência entre as ideias apresentadas nas letras por um cantor e o que ele faz em outras esferas da sua vida. Tal cobrança moral é bem comum no cenário do *rap*; pois a ética de um cantor ou cantora é um valor significativo no *rap*.

Em uma conversa via *facebook* com uma cantora de *rap* ela me disse que não gosta de *rap* com temas sobre amor entre ambos os sexos, isso porque não é útil para as pessoas das periferias. Ela ainda me disse a forma como possuímos temas mais importantes do que falar de amor como, por exemplo, criança morrendo de fome, críticas ao governo etc., quando eu perguntei como ela pensa que deve ser uma relação de amor entre um homem e uma mulher obtive a seguinte resposta:

“(..)Sei lá (risos) cada um tem um jeito né  
Difícil de falar  
Mas no mínimo tem haver com respeito(...)”

É revelador observar que mesmo a autora do trecho anterior sendo uma mulher, ela diz que é difícil escrever sobre amor conjugal, esse fato mostra que ela pensou baseado em uma referência de masculinidade quando visualiza amor no *rap*. E por fim, ela cita a palavra respeito como mais um símbolo e prática que deve ter no amor conjugal.

Analiso o modo como teoricamente vivemos em uma sociedade onde as pessoas se entendem livres para viver um amor sobrenatural ou cósmico. Escolhi esse termo pelo fato de ele representar o tipo de amor que vejo no *rap*, esse sentimento é maior que a paixão e desejos da natureza ou do corpo humano, assim tal amor é superior ao biológico. Ainda entendi que como esse tipo de amor não origina-se das ações e pensamentos humanos ele é concebido pelos *rappers* e pelas *MC's* como puro ou verdadeiro. Assim, tal amor verdadeiro ou puro é o divulgado nas letras de *rap*, e é aquela emoção que nasce dentro da pessoa, mas devido a uma ação e vontade de uma essência cósmica ou sobrenatural e não da vontade e atitudes dos seres humanos.

Com a finalidade de entender suas concepções sobre amor amoroso, busquei compreender o que os *rappers* e as *MC's* pensam sobre de onde vem o amor. Nas letras e respostas cedidas para mim eles e as cantoras não determinam um lugar específico nas relações humanas no qual nasce o amor. No entanto, analisei em seus discursos que o amor segue em direção as relações humanas e as pessoas são tomadas por ele sem escolher esse sentimento em suas vidas. Assim, entendendo que o amor para tais pessoas nasce independente da vontade humana, e que os seres humanos não escolhem quando querem

<sup>3</sup> Todos os nomes dos meus interlocutores são fictícios.

sentir amor. Essa ideia me levou a pensar que para tais artistas o amor é uma emoção pertencente ao cósmico, e, por isso, sua origem se torna difícil de ser compreendida e explicada racionalmente com palavras pelos seres humanos. Assim, tal emoção faz homens e mulheres amarem uns aos outros, e essa é uma das concepções de amor conjugal que analisei até o atual momento dessa pesquisa no *rap* nacional.

Ainda interpreto que se por um lado esse amor está fora da esfera humana, por outro lado ele não depende de determinadas religiões, ele é uma emoção que está intrínseca na existência humana e pode morar temporariamente no humano, mas tem origem em lugares não humanos e indeterminados, que neste texto chamo de cósmico.

Todas às vezes que eu perguntava para os meus interlocutores de onde vinha o amor, em nenhuma das respostas teve a palavra Deus, Deuses e outros semelhantes, e não encontrei de modo explícito nas letras e diálogos que esse amor é mandado para as pessoas devido a vontade de um Deus ou Deuses(as). Assim, entendo que o amor nos *raps* não depende de um Deus ou mais Deuses de modo específico e explícito, mas sim ao divino. Este espaço não humano é livre de regras, teorias e modelos de como receber e sentir o amor. Esse amor cósmico está em uma dimensão fora do poder humano no âmbito da construção cultural e social, mas ele possui relação com o humano/natureza, e isso na medida em que é sentido em forma de emoções no corpo, pois o amor precisa do corpo humano para ser vivenciado. Esse amor divino/cósmico tem relação com a natureza/corpo, porque ambos são concebidos pelo mesmo pela mesma dimensão da vida. Assim, nessa análise existe a ideia na qual a capacidade existente no corpo/natureza/cósmico para amar está em todos os seres humanos, pois todos possuem tais dimensões da vida, mas o modo de amar pode ser concebido como puramente divino, ou não, e ainda pode ser sentido e vivido de várias formas emocionais, isso porque as pessoas estão em sociedades, grupos, classes, etnia e sexualidade, nas quais há diferentes significados culturais. Breton (2009).

Embora entendamos a existência da dimensão da natureza/corpo e os *rappers* do cósmico com a natureza/corpo no sentir do amor esse possui seus aspectos de construção e variações culturais.

A maioria das letras de *rap* possui história de mulheres e homens da mesma classe social, mesmo as que não dizem explicitamente sobre a classe social do ser amado apresenta elementos que as pessoas envolvidas na emoção do amor são da mesma faixa etária, grupo social, pois não encontrei uma letra com relato de uma relação conjugal entre uma mulher e um homem de classes sociais diferentes. Assim o sentir o amor é formado de significados sociais sentido com referências construídas socialmente.

No gênero musical do *rap* dinheiro e amor não se misturam, amor não pode torna-se mercadoria em um mundo já dominado pelo dinheiro, nesse sentido penso ser relevante analisar um dos aspectos culturais do amor no *rap*, pois vem do cósmico e não nas relações humanas e assim deve permanecer sem ser corrompido pelas ideias interesses criadas pelas pessoas e que os *rappers* sabem que não causam sentimentos positivos como inserir nesse amor interesses econômicos, assim temos um modo de afeto amoroso que denominei nesta pesquisa de “amor puro”.

#### **4- Considerações Finais:**

Analiso neste texto a concepção de algumas emoções de muitos *rappers* e *MC's*, na qual a mulher/feminino não possui requisitos válidos para questionar e lutar contra as violências derivadas da desigualdade social. Segundo tais cantores(as) para enfrentar-se esse tipo de violência, existe entre eles(as) a ideia que só é útil uma forma de atuar socialmente: o modo de ser masculino.

Observei o modo como não é oferecido no cenário do *rap* muito espaço para outras formas de ser e expressão das emoções, e que podem questionar a estrutura social vigente e demonstrar diferentes opções de relações sociais, modo de ser pessoal e político como, por exemplo, o amor amoroso.

Analisei ainda, a forma como as letras de *rap* possuem muitas temáticas as quais fazem parte de um discurso e reflexão ampla contra o preconceito racial e social. No entanto, observei que a questão da exclusão da mulher e de poder na relação de gênero, é considerada no campo do *rap* como um assunto menor e sem muita relevância nas periferias. Penso que isso ocorre pelo fato de as experiências das mulheres das periferias não serem consideradas como relacionadas e produzidas no mundo social e político, do mesmo modo como os temas e experiências de violência urbana, preconceitos, desigualdade social e outros.

No *rap* ocorre uma separação da realidade social na esfera do público e do privado do pessoal e do social, cantores e cantoras relacionam questões do espaço público, mas deixam de fazer essa relação com outros espaços e categorias da vida. Assim, como em nossa sociedade também separa o público do privado os *rappers* e as *MC's* atribuem à relação de gênero e ao amor vivido por ambos os sexos como do âmbito privado e individual. Dessa forma, o amor amoroso é colocado fora da esfera política e visto como possuidor de um valor desprovido da capacidade de transformações sociais em várias dimensões da vida. Por fim, esses são alguns dos fatores que nos ajuda a entender os motivos pelos quais temos bem menos letras de *rap* narrando sobre amor amoroso, e, conseqüentemente, menos mulheres no *rap* nacional.

### 5- Referências Bibliográficas:

BRETON, David Lê. As paixões ordinárias: antropologia das emoções. Petrópolis( Rio de Janeiro): Vozes, 2009.

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

\_\_\_\_\_. Corpos que pensam: sobre os limites discursivos do sexo. In.: Louro, Guaciara Lopes(org.). O corpo educado. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.p.20-32.

COELHO, Maria Claudia. Emoção. Gênero e Violência: experiências e relatos de vitimização. Disponível em: <http://www.br.monografias.com>. Acesso em 01 de março de 2009. 2006.

ELIAS, Norbert. O processo civilizador: uma história dos costumes. Vol 1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade:1: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal.1977.

GIDDENS, Anthony. A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

GOLDMAN, Marcio & NEIBURG, Federico.. Da nação ao império: a guerra e os estudos do caráter nacional. In.: L'estoide, Benoitde, Neiburg, Federico& Sigaud, Lygia (org.). Antropologia e Estados Nacionais. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.p.187-217.

KALSING, Vera Simone Schaefer. Notas sobre o conceito de gênero: uma breve incursão pela vertente pós-estruturalista. Disponível no site <http://www.recanto> das letras.uol.com.br/trabalhos acadêmicos. Acesso em 10 de janeiro de 2010. 2008.

- NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v.8, n.2, p.9 a 41, 2000.
- PARDUE, Derek. Desempenho de atitude: uma imposição de espaço e gênero pelos hip-hoppers brasileiros. *Revista de Antropologia*. v .51, n°2. São Paulo, 2008.
- REZENDE, Claudia. B.; COELHO, Maria C. *Antropologia das Emoções*. Rio de Janeiro (R.J.): Editora FGV, 2012.
- SANTOS, Sandra Mara P. dos. “Um brinde pra mim”: rivalidades e concepção de talento dos *hip-hoppers* de Marília. Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual Paulista- Campus de Marília. 2007.
- SCOTT, Joan. História das mulheres. In.: BURKE, Peter.(Org). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora da Unesp, pp.63-95, 1992.
- SOIHET, Rachel. “História das mulheres e relações de gênero: algumas reflexões”. Núcleo de Estudos Contemporâneos, 1986.
- SHERRY, B. Ortner. Miriam Pillou Grossi (org.). *Conferências e Diálogos: Saberes e Práticas Antropológicas*. ABA, Blumenau, Nova Letras, 2007.
- SCOTT, Joan W. O enigma da igualdade. *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis, v. 13, n° 1. Disponível em: <http://www.scielo.br>. Acesso em 07 de maio de 2010. 2005.
- SOUZA, Patrícia Lânes Araújo.. Mulheres jovens e hip-hop: percepções das relações de gênero em uma expressão cultural masculina. In.: *ANAIS do 30º ENCONTRO ANUAL da ANPOCS*. <http://www.emdialogo.uff.br/sites/default/files/generoHipHop.pdf>. Caxambu (M.G. ) 24 a 28 de out. 2006. p. 1-28.